



3.2

Estratégias sexuais e reprodutivas

*Jaroslava Varella Valentova
Vivianni Veloso*

O capítulo anterior focou nas bases biológicas da diferenciação sexual, e diferenças nos investimentos parentais entre homens e mulheres. Essas diferenças básicas entre sexos na reprodução têm consequências para as estratégias sexuais dos homens e mulheres, sobre as quais vamos falar nesse capítulo. O que são estratégias sexuais? Os desejos e comportamentos sexuais são diferentes entre homens e mulheres? Existe variação intersexual e intrassexual na propensão para o sexo casual? Como as estratégias sexuais podem ser influenciadas por condições externas ou internas? Será que a homossexualidade é adaptativa do ponto de vista das estratégias sexuais alternativas?

Estratégias sexuais – introdução

Sexualidade e reprodução não são sinônimos: tanto a sexualidade pode apresentar muitas outras funções (pessoais, sociais) do que apenas a reprodução (transmissão de informação genética para membros da geração seguinte por meio direto, decorrente de relações sexuais), quanto uma pessoa pode reproduzir sem precisar fazer sexo, pois existe a reprodução indireta que ocorre via filhos dos parentes. Apesar da tecnologia recente permitir a reprodução por meios não sexuais (como as técnicas de reprodução assistida), a relação sexual foi e continua sendo o principal meio de reprodução na espécie humana. Por esse motivo a cognição subjacente à sexualidade é um dos domínios mais estudados pela Psicologia Evolucionista.

Assim, chamam-se de Estratégias Sexuais conjuntos de adaptações que organizam e orientam os investimentos e esforços reprodutivos de um indivíduo, sendo definidas como programas genéticos ou regras de decisão (não necessariamente conscientes) que os indivíduos utilizam para alocar seus esforços em táticas específicas (Gangestad & Simpson, 2000). Táticas, por outro lado, são as ações, comportamentos ou fenótipos específicos que os indivíduos usam ao perseguir uma estratégia determinada visando objetivos específicos. Uma estratégia sexual muitas vezes envolve e remete a várias táticas comportamentais, que podem ser dependentes de condições específicas (Buss & Schmitt, 1993).

Cada estratégia sexual evoluiu por resolver algum problema adaptativo específico, e influencia a maneira como os indivíduos escolhem e identificam um parceiro de alta qualidade, quanta energia eles gastam procurando parceiros(as), ou como eles superam rivais potenciais. As estratégias sexuais

são efetuadas por vários mecanismos psicológicos em conjunto, como preferências por parceiros desejáveis, sentimentos de amor, desejo sexual, ou ciúme (veja os capítulos seguintes). Em geral, as estratégias sexuais podem ser divididas de acordo com o modo como um indivíduo aloca seus esforços (tempo, dinheiro, energia, atenção) na área de sexualidade e reprodução: o indivíduo pode investir mais recursos em encontrar, escolher, e cortejar novos parceiros potenciais (tática sexual de curto prazo), ou na manutenção e proteção de uma relação de longo prazo com comprometimento, com a possibilidade de investir na prole em potencial (tática sexual mais de longo prazo).

A estratégia sexual de longo prazo é universal, e muitas vezes representada pelas uniões públicas formais (como casamento religioso, casamento civil, união estável, etc.) na espécie humana. Assim, essa estratégia caracteriza-se pela união com um parceiro fixo e contribuição do homem no cuidado com a prole (Buss & Schmitt, 1993; Schmitt, 2006; Stewart, Stinnett & Rosenfeld, 2000). Suas principais vantagens são a obtenção de recursos, proteção, oportunidades de aprendizagem para a prole, auxílio na construção de alianças e transferência de status (Borrione & Lordelo, 2005; Buss, 1989, 1995, 2006). Na maioria dos outros primatas, os machos não investem muito na prole, e o investimento paternal extensivo dos homens é específico às estratégias sexuais dos humanos. Como machos e fêmeas investem pesadamente na prole, apesar das mulheres investirem mais, a seleção sexual produziu em ambos os sexos altos níveis de seletividade por parceiros, ou seja, escolha mútua (Trivers, 1972, teoria do investimento parental; veja também o capítulo anterior), como também competição por melhores parceiros com rivais do mesmo sexo (Buss, 1988).

Nem todas as relações, no entanto, duram bastante. Relacionamentos sexuais humanos podem durar anos, meses, semanas, dias, ou até alguns minutos (Buss, 2003), caracterizando estratégias de curto prazo e/ou longo prazo. Este tipo de estratégia reprodutiva pode ser chamada de estratégia multi-macho-multifêmea (Schmitt, 2005b). A estratégia de curto prazo em humanos caracteriza-se por relações amorosas e/ou sexuais de curta duração, sem que o parceiro seja exclusivo. No entanto, esta relação não necessariamente ocorre com todos os possíveis parceiros no mesmo momento e no mesmo espaço físico, como ocorre com outros primatas. Na estratégia de curto prazo geralmente a criação da prole fica primordialmente a cargo da fêmea (Schmitt, 2005a).

Diferenças entre sexos e conflito sexual

A teoria das estratégias sexuais (Buss & Schmitt, 1993), que foi consequência da teoria do investimento parental (Trivers, 1972), sugere que, apesar da tática sexual de curto prazo ser adaptativa para ambos os sexos (a depender de uma série de variáveis), ela é mais adaptativa em média para os homens, enquanto a tática sexual de longo prazo, em média, é mais adaptativa para as mulheres. Assim, várias estratégias sexuais relativas às preferências e escolha de um parceiro sexual, e a manutenção de um relacionamento de longo prazo, bem como a substituição de um parceiro estável, são diferentes, em certo grau entre homens e mulheres, e podem produzir ou ser produtos de um conflito entre os sexos.

O conflito começa sempre que a estratégia adotada por um sexo interfere negativamente com a estratégia adotada pelo

outro sexo. Por exemplo, homens e mulheres geralmente diferem em quanto tempo e quão bem eles precisam conhecer alguém antes de consentir em uma relação sexual. Embora existam muitas diferenças individuais, os homens geralmente têm maior desejo e vontade de fazer sexo com desconhecidas, enquanto as mulheres, mais frequentemente do que os homens, recusam-se a manter encontros anônimos e preferem algum grau de compromisso. Essas estratégias sexuais criam um conflito fundamental: uma insistência no sexo imediato interfere com a exigência de uma corte prolongada, e por outro lado, o namoro prolongado obstrui o objetivo do sexo imediato (Buss, 2003).

Apesar da existência de um conflito no interesse entre os sexos é importante salientar que as mulheres não exercem um papel de passividade em relação às estratégias sexuais, aguardando um parceiro ideal ou anulando-se emocional ou sexualmente em nome de sua união, independentemente do comportamento de seu parceiro. A diferenciação no investimento parental entre os sexos predispõe as mulheres a um nível de exigência e cuidado um pouco maior do que os homens ao escolher seus parceiros e na disposição ao sexo. Tal diferença faz com que as mulheres busquem relacionamentos de curto prazo e extra-par sob condições específicas (veja abaixo), apesar de serem mais propensas à busca por relacionamentos estáveis. As diferenças e especificidades da sociossexualidade inter e intrasexualmente são um ótimo exemplo de como, apesar das mulheres mostrarem-se propensas a investir mais frequentemente em relacionamentos imbuídos de proximidade, elas também podem apresentar outras táticas alternativas.

Sociossexualidade

Uma das dimensões mais estudadas no campo das estratégias sexuais diz respeito às diferenças individuais na predisposição a se envolver em relações sexuais sem compromisso emocional, operacionalizado como sociossexualidade (Gangestad & Simpson, 1990, Simpson & Gangestad, 1991). A sociossexualidade (Simpson & Gangestad, 1991), que apresenta um componente genético (Bailey et al., 2000), afere a orientação sociossexual ao longo de um contínuo na propensão para desejar, aceitar e fazer mais ou menos sexo sem compromisso. Indivíduos restritos (que mostram menores índices de sociossexualidade) exigem uma maior proximidade emocional e compromisso antes de ter relações sexuais com um parceiro romântico, enquanto que indivíduos irrestritos (que mostram maiores índices de sociossexualidade) sentem-se confortáveis com sexo casual.

A avaliação da sociossexualidade é multidimensional: ela afere os comportamentos, atitudes e desejos sexuais. Atitudes sociossexuais são conceituadas como opiniões sobre o próprio desejo de proximidade emocional antes de ter sexo, assim como os sentimentos morais sobre esse tópico. Atitudes podem ser influenciadas pelos fatores socioculturais, e assim podem mediar a manifestação aberta da sociossexualidade, ou seja, o comportamento sociossexual. Geralmente, os homens têm atitudes sociossexuais mais voltadas para a irrestrição do que as mulheres (Penke & Asendorpf, 2008).

O desejo sociossexual é a motivação e o interesse sexual por atividades sexuais sem comprometimento emocional com os parceiros. O desejo sociossexual é muitas vezes acompanhado por excitação sexual e fantasias sexuais, e serve como

disposição motivacional para alocar o esforço reprodutivo nas estratégias sexuais de longo prazo ou de curto prazo. Uma vez que o desejo sociossexual é em parte modulado pelos andrógenos (dentre eles a testosterona), ele geralmente mostra diferenças entre sexos, com desejo maior nos homens do que nas mulheres (Hyde, 2005; Penke & Asendorpf, 2008).

Mesmo que um indivíduo tenha maior propensão a apresentar desejos e atitudes sociossexualmente irrestritos estes podem ter sua manifestação modulada por vários fatores e, portanto, não necessariamente precisam ser manifestados no comportamento atual. Desse modo, o comportamento sociossexual é uma manifestação de desejos e história de desenvolvimento individual, frente às restrições ambientais, culturais, e à competição entre as pessoas sexualmente ativas. Curiosamente, embora haja diferenças entre sexos nos desejos sociossexuais, alguns estudos não encontraram diferenças entre homens e mulheres heterossexuais no comportamento sexual (Penke & Asendorpf, 2008).

Todos os componentes da sociossexualidade são inter-relacionados, mas até certo ponto independentes, e eles têm funções e significados psicológicos específicos. A maior parte dos estudos têm mostrado que em média, homens apresentam os maiores escores nas respostas, indicando globalmente que possuem maior propensão à sexualidade irrestrita avaliada de modo multidimensional, comparados às mulheres (DeLecce, Polheber & Matchock, 2014; Jankowski, Díaz-Morales, Vollmer & Randler, 2014; Rammsayer & Troche, 2013; Smith, Jones, & Allan, 2013; Vrangalova & Ong, 2014; Zheng, Zhou, Wang & Hesketh, 2014). Entretanto, Wlodarski, Manning, & Dunbar (2015) têm encontrado dados sugerindo que mulheres podem

ter uma maior propensão a irrestrição do que evidenciado em estudos anteriores.

A sociossexualidade mede tanto a variação intersexual como a intrasexual e, tal como as estratégias sexuais, pode ser influenciada por fatores internos (valor de mercado, atratividade, paixão) e externos (cultura sobre os papéis de gênero, disponibilidade de parceiros, relacionamento satisfatório de longo prazo, família, etc.). Esses fatores podem influenciar cada componente da sociossexualidade diferentemente, como por exemplo a paixão - a pessoa apaixonada pode ter uma história de sociossexualidade irrestrita com atitudes sociossexuais atuais também irrestritas, mas com o comportamento e desejos sociossexuais atuais muito restritos, focados em um parceiro romântico (Varella, 2007).

Curiosamente, os indivíduos têm a capacidade de detectar as pessoas com maiores chances de serem irrestritos e desse modo, melhorar sua estratégia evitando-as ou incluindo-as em suas investidas sexuais. Em estudo de DeLecce, Polheber e Matchock (2014) homens que observaram fotos de rostos de diversas mulheres taxaram como mais infiéis àquelas que tiveram maiores níveis de sociossexualidade. O mesmo ocorreu com mulheres ao avaliarem vídeos masculinos (Gangestad, Simpson, Digeronimo & Biek, 1992).

Pluralismo estratégico

A teoria do Pluralismo Estratégico (Gangestad & Simpson, 2000) sugere que as estratégias sexuais humanas são mistas, o que significa que os dois sexos possuem táticas sexuais de curto prazo e de longo prazo. Assim, as estratégias sexuais

de curto e longo prazo não são excludentes, elas podem ser usadas por um indivíduo em fases diferentes da vida, podem ser influenciadas pelas condições individuais ou do ambiente, e também podem ser usadas simultaneamente. Por exemplo, um indivíduo pode investir no relacionamento de longo prazo e ao mesmo tempo ter relações sexuais de curto prazo com parceiros fora do relacionamento. Para os dois sexos, a estratégia mista pode ter vantagens adaptativas (ver a Tabela 1 para vantagens e desvantagens para homens e mulheres).

A lógica evolutiva para que nos homens tenha evoluído um desejo de variedade sexual fora do relacionamento estável é clara, ou seja, um aumento do sucesso reprodutivo. A lógica evolutiva para as mulheres não é tão clara, e por um longo tempo foi relativamente negligenciada. Relações sexuais de curto prazo são mais custosas para as mulheres, do que para os homens porque as mulheres têm risco para sua reputação e risco de perda dos recursos do parceiro estável, além do risco de violência de um parceiro ciumento. Por isso, é muito provável que a psicologia feminina para as relações sexuais de curto prazo tenha evoluído com benefícios substanciais que superam esses custos (Buss, 2003). As relações de curto prazo podem trazer aquisição de recursos imediatos para as mulheres, como dinheiro, roupas, etc. Uma outra hipótese, apoiada por estudos empíricos, explica as relações sexuais de curto prazo das mulheres como meio para procurar um novo parceiro, melhor do que o parceiro estável atual, o que geralmente está relacionado à menor satisfação no relacionamento (Greiling & Buss, 2000). Nas relações sexuais de curto prazo e fora do relacionamento estável, as mulheres também preferem, em particular, sinais de qualidade genética nos homens (por exemplo, simetria, veja o capítulo 3.3 deste volume), porque eles aumentam

a probabilidade fornecer uma melhor constituição genética para seus filhos(as), em termos de propensões para boa saúde, aparência, cognição, etc. (Gangestad & Thornhill, 1998). Assim, em relações de curto prazo as mulheres podem aumentar significativamente a qualidade e a diversidade genética dos seus filhos.

A existência de desejo para relações sexuais fora do relacionamento estável nas mulheres implica em um problema adaptativo para os homens, que correm o risco de investir pesadamente em uma prole que não é sua, já que a mulher, ao contrário do homem, possui a certeza da maternidade. Apesar disso, um relacionamento extra-par do homem pode significar um problema adaptativo também para a mulher, que corre o risco de perder seu parceiro para outra fêmea, caso ele esteja emocionalmente envolvido, diminuindo a probabilidade de crescimento e amadurecimento da prole resultante da união com esse parceiro, tendo em vista a perda de um provedor. A possibilidade de relacionamentos extra-par abriu caminho para a evolução das táticas de guarda de parceiro, retenção de parceiro e ciúmes, como será visto nos capítulos seguintes.

Tabela 1. Vantagens e Desvantagens de Relacionamentos de Curto e Longo Prazo para Homens e Mulheres.

Curto prazo	Vantagens	Desvantagens
Mulheres	Benefícios indiretos como bons genes e diversidade genética da prole, ou diretos, como aquisição de status, recursos, proteção, avaliação de parceiros possíveis/alternativos para longo prazo. Assegurar a existência de prole caso o parceiro estável seja infértil.	Menor ou nenhum ganho contínuo de recursos para o cuidado com a possível prole. Danos à reputação pelo preconceito contra a promiscuidade em mulheres. Possibilidade de sofrer agressões físicas se estiver com um parceiro.
Curto prazo	Vantagens	Desvantagens
Homens	Prole maior, possivelmente resultando em maior sucesso reprodutivo.	Incerteza da paternidade e menor chance de sobrevivência da prole.

Longo prazo	Vantagens	Desvantagens
Mulheres	Benefícios diretos, como recursos, território, proteção, cuidado e transferência de status para a prole.	Homens com melhores genes para relacionamentos estáveis não estão frequentemente disponíveis.
Homens	Baixa incerteza da paternidade, maior probabilidade de sobrevivência da prole.	Perda de outras opções para reprodução.

Box 1. Sexualidade estendida e dualística feminina

A teoria do Pluralismo Estratégico (Gangestad & Simpson, 2000) trabalha principalmente com modelos de “bons-genes” e “bom-provedor” na seleção sexual, e explica as variações intrassexuais nas estratégias humanas. Durante a história evolutiva humana, os homens enfrentaram dilemas de alocação de investimentos entre gastar tempo e energia na criação dos filhos ou no acasalamento, o que resultou nas preferências femininas específicas por disposição masculina para ajudar na criação dos filhos (expressão da disponibilidade masculina em gasto de tempo e energia na prole) ou aptidão genética (o homem que investe no acasalamento deixa a prole a cargo da mãe e por isso contribui apenas com sua aptidão genética). Assim, obter um parceiro que apresente ambas as qualidades, é difícil. Gangestad e Simpson (2000) e Thornhill e Gangestad (2015) sugeriram que as mulheres podem ter uma sexualidade dualística, ou seja, que elas usam estratégias de longo e curto prazo com diferentes tipos de homens durante as suas vidas. Em particular, as mulheres têm tendência para estabelecer relacionamentos de longo prazo com homens que têm qualidades de bom parceiro e pai e que investem no relacionamento e na prole, mas ao mesmo tempo podem se beneficiar tendo relações sexuais de curto prazo com homens fora do relacionamento estável.

Essa teoria está ligada à sexualidade estendida das mulheres, a qual se refere à receptividade e proceptividade feminina para relações sexuais não apenas durante a ovulação, quando elas estão férteis como a maioria das fêmeas de outros primatas), mas também durante os períodos nos quais não há possibilidade de fertilização.

A sexualidade estendida das mulheres pode ser uma adaptação mantida por facilitar a obtenção, constantemente, de recursos não genéticos, como materiais, proteção, companhia e ajuda de parceiros estáveis (Gangestad & Simpson, 2000; Thornhill & Gangestad, 2015). A sexualidade estendida nas mulheres e o maior desejo sexual nos homens podem ser subprodutos do período curto, e praticamente imperceptível, da janela de fertilidade feminina (quando comparado com o estro bem visível nas fêmeas da maioria dos outros primatas), implicando em múltiplas cópulas com uma mulher para que o homem possa aumentar a certeza da fertilização bem sucedida. Assim, com a habilidade de fazer sexo nos períodos inférteis as mulheres podem receber recursos adicionais de um ou vários homens. As relações sexuais frequentes diminuem a agressão e aumentam a cooperação no casal, o que aumenta a estabilidade do relacionamento e eleva a chance de sobrevivência da prole. Segundo a hipótese de confusão da paternidade (Hrdy, 2000), as mulheres também podem usar a sexualidade estendida para distribuir a confiança da paternidade entre vários homens, o que pode ser adaptativo em algumas condições como, por exemplo, para diminuir a probabilidade de infanticídio.

Apesar das estratégias herdadas e ainda usadas hoje serem resultado de pressões seletivas ancestrais, as condições atuais influenciam o desenvolvimento e o ajuste fino das estratégias e táticas específicas dos indivíduos. Então, se alguma tática é mais influenciada por estímulos ambientais específicos (por exemplo, procurar relacionamentos de curto prazo apenas quando o indivíduo se avalia como acima da média na atratividade para o sexo oposto), a estratégia não é fixa, mas

condicional. A estratégia e a tática que serão usadas dependerão, em particular, do valor de mercado de cada pessoa, da condição do ambiente, das normas culturais, da proporção entre os sexos e dos fatores gerais de desenvolvimento individual (Buss, 2003).

Condição individual (valor de mercado)

Representações cognitivas sobre as próprias características e habilidades, conhecidas como a autoavaliação do valor de mercado (ou *mate value* em inglês) podem influenciar as estratégias sexuais em ambos os sexos. O valor de mercado inclui autoavaliações relacionadas com acasalamento, tais como autopercepção da atratividade, popularidade e capacidade de chamar atenção, e a manipulação do comportamento do parceiro em potencial ou atual (Penke et al., 2007). A percepção do próprio valor de mercado tem que ser calibrada durante a vida, de modo que as pessoas têm que aprender o seu próprio valor como parceiro em relação a outros membros do mesmo sexo. Penke et al. (2007) argumentam que essa calibragem acontece por experiências de aceitações e rejeições por parte do sexo oposto, especialmente durante a adolescência, quando as conquistas e as rejeições durante o flerte geralmente não resultam em relacionamentos reais, mas podem ser usados para definir ou ajustar um nível do valor próprio, que vai ser usado no futuro nas ofertas sérias.

De acordo com estudos de Buss e Shackelford (2008), as mulheres atraentes, em particular, desejam mais fortemente um parceiro que acumule várias características simultaneamente - (1) indicadores hipotéticos de bons genes (masculinidade, saúde); (2) indicadores de investimento paternal (salário e/ou educação); (3) bons indicadores parentais (o desejo de ter filhos),

e (4) os indicadores de bom parceiro/investidor emocional (ser um parceiro amoroso e fiel). Essas mulheres também conseguem obter parceiros com bons genes como parceiros estáveis, e não apresentam mudanças nas preferências por parceiros durante o ciclo menstrual tão fortemente quanto outras mulheres.

Em geral, a condição física (atratividade, força) é a característica mais importante para decisões sobre as táticas sexuais nos homens do que nas mulheres (Rammsayer & Troche, 2013; Varella et al., 2014). Uma das possíveis maneiras para os homens compensarem a falta de condição física pode ser via provisão de recursos imediata (Buss & Schmitt, 1993). Assim, a autoavaliação do valor de mercado dos homens deve levar em conta tanto a condição física individual como a posse de recursos ou a capacidade de provê-los. Considerando que táticas sexuais de curto prazo são mais gratificantes no nível proximal e mais adaptativas no nível distal para homens do que para as mulheres, e as mulheres são especialmente seletivas na escolha de um parceiro de curto prazo, então apenas uma pequena fração dos homens com características específicas será capaz de prosseguir com a estratégia de curto prazo.

Qualidade do ambiente sociocultural e ecológico

Quando ambientes locais são exigentes e as dificuldades de criação de filhos são altas, a necessidade de cuidado bi-parental aumenta. Gangestad e Simpson (2000) argumentaram que em ambientes onde o investimento paternal é mais necessário e valorizado, as mulheres vão mostrar menos tendências para o sexo casual e extra-par, e os homens vão dedicar maior esforço no investimento parental. Por outro lado, em culturas onde o cuidado bi-parental é menos necessário para o sucesso

reprodutivo, os mesmos autores sugeriram que a monogamia seria menos prevalente, e como consequência, a homossexualidade aumentaria nos dois sexos. De fato, embora as diferenças entre sexos na homossexualidade sejam universais (Schmitt, 2005b, Lippa, 2009, Schaller & Murray, 2008) pesquisas interculturais mostram que as sociedades com ambiente reprodutivo mais difícil (mortalidade infantil alta, baixo peso ao nascimento, desnutrição infantil) têm relativamente maior grau de monogamia e cuidado bi-parental, e a diferença da homossexualidade entre homens e mulheres é significativamente maior do que nas sociedades controle (Schmitt, 2005b). De forma semelhante, em países com altos índices históricos de doenças infecciosas, as pessoas têm homossexualidade relativamente mais baixa (Schaller & Murray, 2008). Muitas doenças podem ser transmitidas de pessoa para pessoa, como resultado do contato físico íntimo associado com o comportamento sexual. O contato sexual não só facilita a transmissão de doenças sexualmente transmissíveis, mas também de vários outros agentes patogênicos. Assim, em regiões em que a prevalência das doenças é alta, as pessoas são mais cautelosas no comportamento sexual.

Na mesma linha, uma pesquisa do Nordeste do Brasil mostrou que depois dos 35 anos, com maior educação e maior renda, tanto homens quanto mulheres mostram menor predisposição à opção pelo casamento (Freire, Aguirre, Montenegro, & Araújo, 2006). Os fatores socioeconômicos, então, influenciam as estratégias sexuais, e podem variar durante a ontogênese do indivíduo.

Razão entre sexos

Outro fator importante para as diferenças entre as estratégias sexuais de machos e fêmeas é a razão entre sexos, que corresponde ao número de homens sexualmente ativos disponíveis em relação às mulheres sexualmente ativas disponíveis. Quando a razão entre sexos é baixa, ou seja, há mais mulheres do que homens, os homens tornam-se um recurso escasso pelo qual as mulheres acabam por competir. Por isso, quando há um excesso de mulheres, os homens tornam-se mais relutantes em comprometer-se preferindo buscar muitos relacionamentos casuais. Por outro lado, quando a razão entre sexos é alta e os homens superam as mulheres, os homens devem competir mais intensamente pelas parceiras, o casamento monogâmico é a regra, e a frequência de divórcios diminui. As pesquisas apoiam essa teoria, mostrando que nas culturas com razão sexual mais baixa as pessoas apresentam maiores níveis de homossexualidade e promiscuidade. Por outro lado, nas culturas com alta razão sexual há menores níveis de homossexualidade e maior propensão à monogamia (Schmitt, 2005b).

Evolução da androfilia masculina e ginefilia feminina

O termo “androfilia” será utilizado para descrever a atração e preferência sexual pelo sexo masculino e “ginefilia” será usado para descrever a atração e preferência sexual pelo sexo feminino (Vanderlaan et al. 2013), pois o termo “homossexualidade” pode ter conotações culturais negativas e a identificação com esse termo nem sempre reflete as preferências sexuais. Na realidade, a maior parte das pessoas que sentem atração por

peças do mesmo sexo e apresentam comportamento homossexual (interação sexual não necessariamente ligada à atração por indivíduos do mesmo sexo, Poiani, 2010) nos EUA não se identificam como homossexuais (Laumann et al., 1994; Mosher et al., 2005). Curiosamente, um estudo mostrou que 32,8% de homens e 65,4% de mulheres relataram um potencial de resposta homossexual, o que sugere que uma grande porcentagem de pessoas predominantemente heterossexuais tem uma propensão a experimentar atração e/ou interação sexual pelos indivíduos do mesmo sexo (Santtila, et al., 2008). Em consonância com isso, um estudo robusto mostrou que quase 10% dos homens que se identificam como heterossexuais relataram atividades sexuais com indivíduos do mesmo sexo (Pathela, Hajat, Schillinger, Blank, Sell, & Mostashari, 2006).

A maioria das orientações sexuais podem, assim, ser definidas como uma combinação de interesses andrófilos e ginefílicos, com a maioria dos homens sendo mais ginefílicos ao invés de andrófilos, e com maioria das mulheres mais andrófilas do que ginefílicas. A androfilia masculina e a ginefilia feminina não se contrapõem às teorias evolucionistas pois, a depender de seu grau, é possível que esses indivíduos possam reproduzir. 20% dos homens americanos identificados como homossexuais relataram ter sido casados com uma mulher em algum momento de sua vida, e 50% dos homens homossexuais relataram ter produzido pelo menos um filho (Bell & Weinberg, 1978). De acordo com os dados demográficos mais recentes dos EUA, 37% da comunidade gay e lésbica relatou ter tido uma criança (Gates, 2013).

Mesmo assim, a maioria das teorias evolutivas foca na explicação de androfilia masculina exclusiva (sem nenhum grau da ginefilia), que parece ser um extremo do contínuo

da orientação sexual, como um subproduto não-adaptativo de alguma outra adaptação. Segundo algumas teorias, um componente genético ligado à androfilia masculina (Sanders et al, 2014) pode trazer vantagens seletivas para homens ginefílicos que são só portadores desse componente genético mas não expressam androfilia. Assim, eles poderão transmitir alelos responsáveis por androfilia masculina para seus descendentes. Um estudo mostrou que homens ginefílicos com irmãos gêmeos idênticos androfílicos, os quais só compartilham o genótipo, mas não o fenótipo da orientação homossexual, relataram um maior número de parceiras sexuais do que o grupo controle (Zietsch et al. 2008). Assim, os homens ginefílicos que são portadores de componente genético de androfilia masculina, mas não são androfílicos, podem ter algumas vantagens reprodutivas.

Em comparação com homens heterossexuais, homens androfílicos são, em média, mais femininos (Bailey & Zucker, 1995). Miller (2000) hipotetiza que a androfilia masculina pode ser um subproduto da feminilização adaptativa dos homens em geral. O autor sugere que características femininas, tais como menor competição e agressividade, maior cooperação, empatia, sensibilidade e outras habilidades sociais, foram adaptativas para os homens na evolução humana, especialmente quando os humanos começaram a viver em grupos maiores com vários outros membros do mesmo sexo. Assim, a androfilia masculina pode ser um dos custos dos benefícios genéticos da feminilização nos homens em geral (Miller, 2000).

A mesma lógica dessa teoria também poderia ser aplicada para explicar as mulheres ginefílicas com características masculinas (por exemplo, Zheng & Zheng, 2015) que representariam um extremo de masculinização em mulheres em geral. As características masculinas podem ter sido adaptativas para algumas

mulheres durante o passado evolutivo, por exemplo, concentrando mais poder físico e social, levando a uma maior independência, uma melhor autodefesa e defesa de seus parentes, pela maior competição intrasexual levando a uma maior aquisição de recursos. Tais características podem ter sido vantajosas na sociedade ancestral e também recente, onde a mortalidade em homens tem sido relativamente maior do que em mulheres.

Outros autores focam menos na homossexualidade exclusiva mas sim em vários graus de androfilia e ginefilia. O aumento da androfilia e da feminilidade, a redução da ginefilia em homens pode ter vantagens diretas para a sobrevivência e reprodução do indivíduo (Jeffery, 2015). A tendência para a preferência sexual andrófica nos homens e ginefílica nas mulheres pode ter vantagens sociais, promovendo as afiliações com indivíduos do mesmo sexo, o que reduz a agressividade e a competição intrasexual e ao mesmo tempo aumenta a probabilidade de assegurar o potencial reprodutivo (Kirckpartick, 2000).

Segundo a seleção de parentesco, a androfilia masculina pode ser também adaptativa, porque os homens andrófilos feminilizados cuidam de parentes próximos, o que aumenta o sucesso reprodutivo não só dos parentes, mas também deles, uma vez que esses homens compartilham seus próprios genes com os dos parentes (Vasey et al., 2007, Vasey & Vanderlaan, 2014). Assim, os homens andrófilos podem facilitar a transmissão dos seus genes para outras gerações indiretamente, sem precisar competir por parceiras sexuais com outros homens. Entretanto, essa teoria apresenta suporte só em homens andrófilos transgêneros (são biologicamente homens, mas adotam o papel social de mulheres ou, em algumas sociedades, um terceiro gênero) que são extremamente femininos, e não apresentam ginefilia nenhuma, e nenhum sucesso reprodutivo

direto. As estratégias evolucionistas podem, então, ser diferentes entre indivíduos homossexuais exclusivos com não conformidade de gênero e outros indivíduos no contínuo entre as duas monossexualidades (sexualidades orientadas para indivíduos de um sexo só).

Algumas características femininas em homens podem ser percebidas como atraentes pelas mulheres (Perrett et al., 1998) e, ao mesmo tempo, homens com grande quantidade de características tipicamente femininas podem ser menos percebidos como rivais em potencial por homens heterossexuais masculinos, com ginefilia alta. Nesse tipo de situação, o homem feminilizado com ginefilia reduzida e androfilia aumentada pode se beneficiar de cópulas oportunísticas com mulheres e com os parceiros delas também, o que pode aumentar a chance de sucesso usando a estratégia furtiva, mista ou condicional. A estratégia furtiva na biologia é caracterizada pela existência de vários morfotipos de machos, um que tem características secundárias sexuais desenvolvidas e compete por copulação com fêmeas, e outro que é críptico, parece um juvenil ou uma fêmea, e tenta acessar as fêmeas sem competir com outros machos.

Em algumas culturas do norte da África (Murray, 2000), um homem pode se casar com mulheres e também com homens jovens, tratando os últimos como se fossem outras esposas. As esposas do sexo feminino e masculino vivem juntas, separadas do homem dominante, o que cria um ambiente ideal para a estratégia furtiva. Com algumas poucas cópulas com a(s) esposa(s) do homem ginefílico, o homem androfílico pode levar os homens ginefílicos a investirem na prole que os mesmos acreditam, incorretamente, ser a sua descendência genética. O padrão de copuladores furtivos do sexo masculino que se comportam como fêmeas, e fazem sexo homossexual e heterossexual,

é observada em várias outras espécies (veja Oliveira et al. 2008, para uma revisão). Nas espécies, onde o fenótipo furtivo é uma estratégia alternativa, e não condicional, o sucesso de copuladores furtivos é negativamente dependente da frequência. Isto significa que um indivíduo *furtivo* é mais bem sucedido quando essa estratégia não é comum, ocorrendo o inverso quando a estratégia torna-se comum. Embora os homens que se identificam como homossexuais ou bissexuais representem uma minoria de indivíduos que usam as relações sexuais furtivas, esta hipótese sugere que eles são geneticamente equipados para se especializar nesta forma de reprodução (Jeffrey, 2015).

Esta teoria não se aplica apenas aos homens, porque as mulheres predominantemente homossexuais e bissexuais também mostram alguma atração pelo sexo oposto, inclusive relatando sucesso reprodutivo. Como mostrado por estudos anteriores, as mulheres masculinas relatam uma sociossexualidade maior do que mulheres femininas (Mikach & Bailey, 1999), e podem, portanto, facilmente garantir o sucesso reprodutivo direto, sem a necessidade de criar e manter relacionamentos de longo prazo com os homens, mas sim com outras mulheres.

Outra teoria sugere que a orientação sexual fluida (isto significa que a orientação naturalmente muda durante a vida) nas mulheres possivelmente ajudou as mulheres ancestrais a assegurar os recursos e cuidar da prole em condições sem um parceiro masculino primário, recebendo investimento parental de outras mulheres (Kuhle & Radtke, 2013). Segundo esta teoria, a fluidez da orientação sexual feminina pode ser entendida como uma estratégia sexual condicional, o que significa que a atração por indivíduos do sexo oposto e por indivíduos do mesmo sexo pode ser adaptativa em diferentes condições, tais como em diferentes idades ou fases da vida.

Há poucos autores que descrevem a existência de estratégias alternativas em mulheres e fêmeas de outras espécies. De acordo com Neff e Svensson (2013), a pouca informação sobre o tema foi consequência da negligência histórica desses estudos com fêmeas de diversas espécies.

Conclusões

As estratégias sexuais e reprodutivas são um produto da filogênese da espécie. Elas foram mantidas por terem promovido benefícios reprodutivos no Ambiente de Adaptação Evolutiva da espécie.

De maneira geral, as estratégias sexuais diferem levemente entre os sexos. É comum que mulheres, em média, estejam mais propensas a utilizar a estratégia de longo prazo e os homens, em média, a estratégia de curto prazo. Tal diferença deve-se basicamente ao esforço reprodutivo e parental diferencial entre os sexos. Fêmeas de mamíferos, em geral, gastam muito mais recursos energéticos (gestação, amamentação e etc.) ao gerar a prole em comparação com os machos.

A diferença no esforço reprodutivo entre os sexos também pode fazer com que eles sejam mais propensos ou menos propensos à homossexualidade, sendo os homens, em média, mais irrestritos que as mulheres.

Apesar de vários estudos terem encontrado dados indicativos de que as mulheres evidenciam maior propensão à monogamia e ao intercurso sexual com poucos parceiros, sendo o oposto para os homens, há vários indicativos de que tais propensões e a expressão dessas propensões podem ser fortemente moduladas pelo ambiente e por condições individuais tais como o valor

de mercado do indivíduo (expressão física e comportamental das principais características preferidas pelos indivíduos do sexo oposto), ambientes com altos índices de doenças infecciosas (onde as pessoas parecem ser mais cautelosas e mais restritas sociosexualmente), diferença na razão entre os sexos (regiões com maior número de homens podem promover a expressão de maior irrestrrição sexual entre as mulheres) ente outras.

Existem várias estratégias sexuais que diferem entre indivíduos e grupos de indivíduos. Mesmo tipos de sexualidade que, à primeira vista, parecem ser não-adaptativos (não trazem vantagens reprodutivas ao indivíduo), podem ser entendidas como estratégias alternativas ou condicionais, e deixar descendentes. Essas estratégias podem ser também subprodutos de outras adaptações, e podem ser mantidas na população por reprodução indireta (por parentes).

Assim, pode-se dizer que as estratégias sexuais e reprodutivas possuem várias origens e que podem ser controladas por diversas variáveis, tendo componentes biológicos e ambientais que se contrapõem a qualquer visão dualística de origem apenas ambiental ou biológica.

Questões para discussão

1. Quais as diferenças entre estratégias sexuais e táticas sexuais?
2. Quais as diferenças básicas entre as estratégias sexuais de homens e mulheres? Por que essas diferenças ocorrem?
3. Porque a estratégia de curto prazo, a princípio, não parece vantajosa para as mulheres?
4. Quais as vantagens de homens e mulheres adotarem a estratégia de curto prazo?
5. Quais os fatores que podem alterar o tipo de estratégia de acasalamento a ser manifestada? Fale um pouco sobre eles.